Warley Matias de Souza
Mauri

Warley Matias de Souza

MAURI

2ª edição
revista pelo autor

A chata da minha mãe

A nova casa é bonita, espaçosa, confortável; mas, sei lá, sinto certa tristeza aqui dentro de mim. Meu pai disse que isso é saudade. E sei que ele está certo. Estou longe dos meus amigos. E aquela de quem sinto mais falta é a Carol. A gente se via “todo santo dia”, como dizia minha vó. E, agora, tem dois dias que não a vejo.

O pateta do meu irmão vomitou a viagem inteira. Toda hora, meu pai precisava parar o carro. O pateta descia e vomitava. E minha mãe dizendo que o “pobrezinho” é muito sensível, que qualquer coisa que ele come faz mal...

E eu só conseguia pensar se algum dia Carol e eu vamos nos ver de novo. Tenho medo de que isso nunca mais aconteça. E estou com muita saudade dela. Como dizia minha vó, a gente era “unha e carne”. E, agora, a unha separada da carne, sei não, será que vai doer pra sempre? Só sei que não vou esquecê-la nunca, “nem que a vaca tussa”, como dizia minha vó.

Quando cheguei aqui, dei logo uma explorada na área, uma volta na vizinhança, pra conhecer um pouco do bairro e das pessoas daqui. Confesso que achei tudo meio sem graça, mas a chata da minha mãe disse que preciso fazer novos amigos,

ou melhor, amigas. Ela disse que essa coisa de menina ser amiga de menino não dá certo.

A minha mãe é pré-histórica! Fresca! Ai, não suporto! Cheia de não me toques. Usa sempre salto alto, às vezes até em casa, o que a faz chegar a mais de um metro e setenta, e eu já a vi chorar quando quebrou uma unha. Não sei como o meu pai aguenta. É mesmo um santo! Minha vó dizia que todo mundo tem uma cruz pra carregar na vida. Pois a cruz do meu pai é a minha mãe. Ai, não quero crescer e ficar feito ela, não mesmo. Vou ser bem diferente dela, ah vou.

A minha vizinha é muito esquisita. Que figura! Acho que ela tem a mesma idade que eu. Ela só usa roupa cor-de-rosa, batom preto e unhas pretas. É gorda, branca e tem cabelos lisos, curtos e muito pretos. Quando vi aquele ser do outro mundo passando na rua, fiquei chocada. Eu estava no portão aqui de casa; ela passou, com um *pit bull* do lado, olhou pra mim com cara de nojo e entrou na casa dela, uma casa meio sinistra. Eu só não corri porque o *pit bull* estava usando focinheira; eu morro de medo de cachorro.

Assim que ela entrou em casa, passou um menino e riu pra mim, falou que a Rosinha do Mal, é assim que ele a chama, é um ET perdido aqui na Terra, me contou que ela só veste roupa cor-de-rosa e usa sempre batom preto e unhas pretas.

Ela é meio esquisita mesmo, meio insuportável. Mas aquele menino, sei não, ele também é meio do mal, não gostei dele não, seu nome é Fernandinho. Ele riu muito quando eu disse que meu nome é Mauri, achou estranho e engraçado. E olha que ele nem sabe o meu nome verdadeiro.

A minha casa aqui é de dois andares. A casa da Rosinha do Mal também é. O pior é que a janela do meu quarto fica de frente pra janela do quarto dela. Agora há pouco, eu estava distraída aqui e senti uma coisa estranha, uma sensação, como se alguém estivesse me espionando. E quando olhei pra minha janela, a Rosinha do Mal estava lá, na janela do quarto dela, me olhando com aquele olhar de desprezo. Aí puxei a cortina.

Nesse momento, a chata da minha mãe me chamou, ela queria me ensinar a fazer uma torta de morango. Eu não queria usar um aventalzinho ridículo e perder meu tempo na cozinha, não mesmo. Mas, se eu não fosse, ela ia pegar no meu pé o dia inteiro.

O primeiro dia na escola nova

No meu primeiro dia na escola nova, foi aquele blá-blá-blá de sempre, quer dizer, tive que me apresentar, contar minha história. Acho isso tudo um saco! Mas faz parte da mudança. Como dizia minha vó, faz parte da “socialização”. Pois então, eu me apresentei, disse que meu nome é Mauri, contei que, por causa do trabalho do meu pai, tivemos todos que nos mudar pra cá, que eu estou me adaptando, tentando fazer novos amigos, essas coisas. E aí chegou a pior parte, a professora de Geografia perguntou: “Qual é o seu nome, querida?”. Ela tem a mania de chamar todo mundo de “querido” ou “querida”. Respondi: “Ué, professora, meu nome é Mauri”. E ela veio com aquele: “Nã-na-ni-na-nã!”. Que ódio! Me deu vontade de pular no pescoço dela.

Ela fez uma cara meiga e falou: “Mauri é seu apelido, não é, querida?”. E então mandou eu dizer o meu nome verdadeiro. E não deu outra, quando eu disse que me chamava Maurícia Leitão, todo mundo começou a rir. Aí eu deixei bem claro que gosto de ser chamada de Mauri.

A professora queria saber por que eu tinha esse nome. Aí contei que minha mãe queria homenagear meu pai, que se chamava Maurício. Só não contei que minha mãe tinha feito uma

promessa de que colocaria o nome do meu pai em seu primeiro filho, se fosse menino, e o nome de Maurícia, se fosse menina, caso ele se casasse com ela. Por fim acabou homenageando meu pai também com o nome do meu irmão, que é Maurício Leitão Júnior. É que minha mãe era muito apaixonada pelo meu pai e queria muito conquistá-lo. Fez a promessa, se casou com ele, e quando eu cheguei, me deu o nome de Maurícia.

Sei bem que terei que ouvir piadinhas por um bom tempo, ser chamada de “leitoa” por alguns engraçadinhos, de “Maurício” por outros. É assim em toda nova escola que frequento, e olha que já frequentei muitas, já que minha família está sempre mudando de cidade, por causa do trabalho do meu pai: uma pesquisa muito séria que ele está fazendo, pesquisa que até hoje não consegui entender bem, mas que não acaba nunca.

Fiz uma amiga na escola e descobri que ela é prima da Carol! Eu sabia que Carol tinha parentes nesta cidade; mas nunca pensei que fosse conhecer algum deles. E acabei conhecendo a Sirina, uma menina magra, de cabelos castanhos e uma pele delicadamente morena. É verdade que eu não gosto de menina fresca, e a Sirina é toda doce e educada. Mas, sei lá, tem algo nela que é diferente. Percebi que muitos meninos olham pra

ela assim meio de lado, e vi meninas rindo quando ela passava. E isso me fez querer ser amiga dela de verdade, pois se todo mundo age assim na sua presença é porque ela é muito especial.

Ai, não suporto essa gente que se acha melhor do que os outros. Na verdade, esse tipo de gente é gente da pior espécie. Sei lá, gosto de gente diferente e não gosto de gente que não aceita o diferente. Minha vó sempre dizia que o diferente é que faz a vida ser interessante, pois o diferente é o sinal da mudança, o diferente é que faz a diferença. “Mas muita gente tem medo da mudança, Mauri”, ela dizia. E enquanto a gente tem medo do que é diferente, tudo continua a mesma coisa; e isso só é bom pras pessoas que só pensam em si mesmas e não estão nem aí pra felicidade dos outros.

Sou bem nova, é verdade; mas já aprendi um montão de coisas. E uma delas foi que o egoísmo é o principal causador do sofrimento no mundo. Ai, seria bom se todo mundo pensasse como minha vó, ela dizia que “a gente junto é uma coisa só”.

A prima da Carol é mesmo especial

Todo dia é a mesma coisa. Minha mãe só sabe me criticar. Nada do que eu faço está bom pra ela. Hoje então parece que acordou “com a macaca”, como dizia minha vó. Acordou decidida a dar uma faxina na casa. Aí já viu, é o tempo todo brigando. “Mauri, não pise aí, menina, não vê que tô limpando o chão?” “Mauri, não vá sujar o copo que acabei de lavar!” “Mauri! Acabei de arrumar a sua cama e você já fez a maior bagunça!” Resumindo, tive que sair de casa porque não suportava mais. Fiquei andando por aí, pelas ruas do bairro, e decidi ir à casa da Sirina.

Minha mãe tinha me proibido de ir até lá. Dissera que Sirina não era quem eu pensava, que eu tinha que tomar cuidado com ela. E aproveitara pra dizer que eu já estava ficando mocinha, que tinha que ser mais vaidosa, que parecia um menino e que tinha que parar de brincar com os meninos, ser mais comportada, mais feminina. Ai, minha mãe, simplesmente, é louca, essa é a única explicação possível.

Na casa da Sirina, comi um pudim de dar água na boca, feito pela mãe dela. Se minha mãe fosse como a mãe da Sirina, eu seria feliz, pois ela não é fresca como a minha. Ah, e o irmão dela

também não é chato feito o meu. Mas eu gosto do meu irmão, coitado, todo doentinho, um patetinha louro de sete anos de idade, que precisa ser cuidado.

O irmão da Sirina se chama Benedito, mas todos chamam ele de Benê. Sirina disse que os pais dela gostam de nomes estranhos. Mas, sinceramente, nenhum nome é mais estranho do que o meu.

Contei a Sirina que a minha mãe não queria que nós fôssemos amigas e que eu não entendia o porquê. A Sirina sorriu assim meio triste e disse que sabia o motivo. Pegou uns álbuns de fotos da família dela e me mostrou. Nas fotos, vi a sua mãe, dona Margarida, um pouco mais magra, e o Seu Saudêncio, sempre com os dentes arreganhados. E vi também dois meninos: um deles era o Benê, e o outro era a Sirina.

No início, fiquei meio confusa. Mas aí ela me explicou que tinha nascido menino; mas que tinha muita vontade de ser menina, então deixou os cabelos crescerem e passou a usar roupas de menina. Entendi então por que minha mãe não queria que eu fosse amiga dela; minha mãe não achava legal ser amiga de menino, e de menino que virou menina aí que ela não ia gostar mesmo. Minha mãe é pré-histórica!

Foi bom saber da história da Sirina, isso me fez ficar ainda mais amiga dela. Também me sinto assim meio diferente de todo mundo. Acabo achando as pessoas tão iguais e tão chatas! E tenho muito medo de ficar que nem a minha mãe, assim tão fresca e tão comum. Agora entendo por que a Carol sempre dizia que tinha uma prima que era especial.

Tudo o-queíssimo!

Se minha vó estivesse viva, ela diria que Seu Saudêncio é “um partidão”, pois ela gostava de homens comunicativos e com a mesma aparência dele: alto, magro, moreno, cabelos crespos. Minha vó dizia que tinha uma “queda” por homens de cabelos crespos. Ai, ela era bem “sapeca”! Eta palavra velha! A verdade é que se Seu Saudêncio tivesse nascido na mesma época da minha vó, talvez hoje ele fosse meu avô.

Seu Saudêncio é do tipo popular, deve ter sido assim a vida toda. Acho que conhece todo mundo do bairro, e se mete em tudo quanto é confusão. Se tem que reclamar na prefeitura porque o asfalto de uma rua está quebrado, chamam o Seu Saudêncio. Se tem um lote vago cheio de lixo, lá vai o Seu Saudêncio tentar resolver o problema. “É um líder nato!”, como dizia minha vó. Se importa com todo mundo. E, no fim de cada caso solucionado, ele solta o seu já conhecido: “Tudo o-queíssimo!”.

Ele sempre usa esse “Tudo o-queíssimo!”. Tem até gente que o chama de “Seu Tudo O-queíssimo”, e não de Seu Saudêncio. Ele não se importa; sempre de bom humor, “leva tudo na esportiva”, como dizia minha vó. A não ser quando mexem com a Sirina.

Numa reunião na escola, ele exigiu que sua filha tivesse o direito de usar o banheiro das meninas. Uma das mães protestou, disse que aquilo não podia, não podia não. Mas Seu Saudêncio bateu o pé e disse que não aceitaria que sua filha fosse humilhada pelos meninos no banheiro masculino. Então um dos pais disse que não via solução pro caso, afinal não podia aceitar que a filha dele ficasse no mesmo banheiro que um "menino".

Até posso imaginar Seu Saudêncio respirando fundo e depois dizendo que a única solução era procurar a Justiça e a imprensa pra conseguir que Sirina usasse o banheiro feminino. Mas a diretora não gostou da ideia, não era motivo pra criar "estardalhaço" (Adoro essa palavra!) por uma coisa tão besta. Mas se fosse assim tão besta, respondeu Seu Saudêncio, não estariam ali discutindo aquilo.

A diretora sugeriu um meio-termo, que Sirina usasse o banheiro da diretoria a partir de então. Não era bem o que Seu Saudêncio queria; mas ele sabe que pessoas como Sirina não são muito respeitadas, nem pela Justiça e nem pela imprensa. Então só lhe restou dizer: "Tudo o-queíssimo! Tudo o-queíssimo!".

Depois Seu Saudêncio contou à família tudo isso que tinha acontecido na reunião. Dona

Margarida achou sensata a atitude da diretora. E Benê disse que Sirina podia continuar a frequentar o banheiro dos meninos, se algum deles bancasse o engraçadinho com ela, ele dava um jeito no abusado.

Seu Saudêncio pediu desculpa à filha por não ter conseguido algo melhor. E Sirina respondeu-lhe com um beijo e um carinho. “Tudo o-queíssimo!”, ela disse. “Tudo o-queíssimo!”

Agora sou uma “mocinha”

Hoje aconteceu uma coisa que me deixou com muita vergonha. Estava na escola, e foi durante a aula de Matemática. Senti uma coisa úmida e quente entre as pernas. Logo me veio à cabeça o aviso de minha mãe, que era pra eu ficar atenta, que muito em breve viriam as minhas “regras”. Ai, que palavra mais antiga. Minha mãe é pré-histórica!

Quando senti que aquilo estava acontecendo, quase entrei em pânico. O que eu devia fazer? O professor de Matemática era homem, eu não tinha coragem de chamá-lo e dizer o que estava acontecendo. Se eu levantasse, sei lá, nunca tinha acontecido aquilo antes, talvez caísse sangue no chão, todo mundo ia ficar sabendo; além disso, a minha cadeira talvez estivesse cheia de sangue. E se começasse a escorrer sangue enquanto eu estava sentada ali esperando?

A minha solução estava, “literalmente”, como dizia minha vó, na minha frente. Cutuquei Sirina. Ela virou um pouquinho o rosto, o suficiente pra eu cochichar em seu ouvido que minha menstruação tinha chegado e que eu não sabia o que fazer. Sirina pensou rápido. Levantou a mão. Meu coração quase parou, pensei que ela fosse falar pro professor, na maior altura, pra que toda

a sala ouvisse. Mas é claro que Sirina jamais faria isso comigo. Ela pediu ao professor pra ir ao banheiro. Ele fez uma cara contrariada; mas, depois daquela reunião de pais, parece que a diretora instruíra todos os professores a deixarem Sirina ir ao banheiro da diretoria sempre que quisesse.

Porém, ela não foi ao banheiro dessa vez, foi à diretoria, mas não ao banheiro. Logo a diretora chegou na sala, em companhia da Sirina, cochichou alguma coisa no ouvido do professor, que balançou a cabeça, afirmativamente, e me olhou com certo ar de pena. A diretora aproximou-se da minha carteira, levando um casaco que ela sempre deixava na diretoria pra se proteger de surpresas do tempo e, enquanto Sirina colocava o meu material na mochila, pediu com carinho que eu me levantasse e amarrou o casaco na minha cintura, então pegou a minha mochila e saímos de sala, acompanhados por Sirina, que levava a minha carteira pra fora da sala de aula, pois estava só um pouquinho suja de sangue. É claro que ficou todo mundo curioso pra saber o que estava acontecendo; aliás, os meninos ficaram curiosos, pois as meninas sacaram logo.

Minha mãe foi chamada pra me levar pra casa. Chegou com lágrimas nos olhos. Ai, como é fresca! Emocionada, dizia que agora eu era uma

“mocinha”. A diretora já tinha me ensinado a usar um absorvente; mas, quando chegamos em casa, minha mãe fez questão de me explicar tudo logo depois que tomei um banho. E começou aquele discurso de que eu tinha que tomar cuidado com os meninos, porque eu já podia ser mãe, e quis me explicar como tudo acontecia. Aí eu disse que não era idiota, que sabia como as mulheres engravidam, que já tinha deixado de acreditar na cegonha fazia tempo. E minha mãe ficou toda vermelha. Mas logo me abraçou, me beijou, se emocionou de novo e repetiu que agora eu era uma “mocinha”.

Ela parecia estar muito feliz com isso. Já eu fiquei foi muito chateada com toda essa coisa. Só de pensar que vou passar um tempão da minha vida tendo isso todo mês, ai, me dá até vontade de chorar.

De salto alto

Sirina ficou muito feliz por eu ter minha primeira menstruação. Ai, ela tem cada coisa! Eu é que não gostei disso, não me agrada nem um pouco o fato de ter que conviver com essa situação durante grande parte da minha vida.

A verdade é que minha primeira menstruação fez Sirina lembrar que nunca terá isso, seu corpo não vai se transformar naturalmente, ela precisará de coisas artificiais. Acho que foi por isso que ela pirou, resolveu se transformar numa mulher e deixar de ser menina.

Pediu dinheiro emprestado ao Benê; mas ele fez aquela sua cara de pobre e disse que estava contando moedinha, que não tinha dinheiro não. Pediu à sua mãe; ela quis saber pra quê. Então pediu ao seu pai. Ele olhou pra ela e percebeu que era algo importante e deu o dinheiro, sem questionar.

Confesso que não tive prazer nenhum em ajudar a Sirina com essas frescuras femininas; mas é minha amiga, então... Compramos maquiagem, um sapato de salto alto e também dois sutiãs. Pra que tanta frescura? Ela está maluca de usar um sapato daqueles. Mas disse pra mim que ia deixar de ser menina. Disse mesmo assim: “Mauri, vou deixar de ser menina”.

Balancei a cabeça e só pude dizer: “Você devia ser filha da minha mãe”.

Ao chegar em casa, ela se trancou no quarto, passou batom, maquiou o rosto, colocou uns panos no sutiã pra ter algum seio, escolheu o vestido mais bonito que tinha, já que o dinheiro não dera pra comprar um vestido novo, e colocou salto alto. No início, parece que teve dificuldade; mas logo se acostumou, o que me parece incrível. Respirou fundo, saiu do quarto e foi pra sala, onde seus pais e seu irmão estavam vendo televisão.

Quando entrou, todos olharam pra ela, assim espantados. Benê estava comendo uma macarronada, parou o garfo no meio do caminho entre o prato e a boca e arregalou os olhos. O pai não conseguiu esconder o susto; mas logo deu um sorriso amoroso. A mãe, no entanto, depois do susto, começou a chorar. Benê voltou a comer sua macarronada e a assistir à televisão. E Sirina correu pro quarto, decepcionada. Mas, no meio do caminho, tomou um tombo. Aí tirou os sapatos, levantou-se, entrou no quarto, trancou-se lá dentro e começou a chorar. Até que bateram na porta. Então, enxugou as lágrimas, a maquiagem estava toda borrada, abriu a porta, e seus pais entraram.

Dona Margarida pediu desculpa, abraçou Sirina e começou a chorar de novo. Sirina

perguntou assim: “Fiquei muito feia, né?”. A mãe enxugou as lágrimas e mandou Sirina lavar o rosto, disse que ia lhe ensinar a se maquiar. Aí Sirina ficou toda feliz, correu pro banheiro, lavou o rosto. E, quando chegou no quarto, a mãe estava lá, com o seu próprio estojo de maquiagem. Naquela noite, dona Margarida lhe ensinou todos os truques de beleza, além de aconselhá-la a não colocar muito enchimento no sutiã, pois “meninas da sua idade não têm seios tão grandes”.

No dia seguinte, sábado de manhã, elas saíram pra fazer compras. Sirina ganhou um estojo de maquiagem igual ao da mãe, bem melhor do que o simplizinho que tínhamos comprado. Compraram esmaltes, algumas roupas novas, mais um sapato de salto alto e foram a um salão de beleza, onde os cabelos de Sirina foram tratados e ficaram muito bonitos, e uma manicure deixou suas unhas impecáveis. Em casa, seu pai só fez uma crítica, que esse negócio de salto alto não é boa coisa não, parece que prejudica a coluna. Aí Sirina prometeu que só vai usar de vez em quando. E Seu Saudêncio respondeu: “Tudo o-queíssimo! Tudo o-queíssimo!”.

A filha da empregada

Nossa, essa coisa de menstruar mexeu comigo. Fiquei pensando nas coisas que minha mãe tinha me falado, que agora eu não era mais uma menina, que devia tomar cuidado com os meninos, essas coisas. E aí fiquei pensando se muda alguma coisa na aparência da gente. Será que todo mundo fica sabendo só de olhar?

Quando saí com a Sirina pra comprar aqueles trecos, tive a sensação de que todo menino que passava me olhava de uma forma assim diferente. Teve um que até lambeu os lábios assim olhando pra mim. Mas aí percebi que era por causa do sorvete que ele estava tomando. É, eu acho que estou vendo televisão demais.

E me comportei feito uma boba quando cheguei em casa. Peguei um batom da minha mãe e passei na minha boca. Fiquei olhando assim um bom tempo no espelho, fazendo aquelas caras e bocas de atrizes famosas tirando fotos pras revistas. Pensei até em deixar os cabelos crescerem e alisá-los, o que seria um sonho pra minha mãe. Mas concluí que eu estava uma verdadeira palhaça, com aquela boca vermelha. Que ridícula eu estava! Se a minha mãe visse aquilo, ia com certeza me fazer usar batom

sempre. É muito fresca! Limpei a boca e prometi a mim mesma nunca mais na vida usar aquilo.

Na escola, ficaram cochichando enquanto eu passava, tanto os meninos quanto as meninas. Pensei que era por causa da menstruação. Ai, que vexame! Mas o que estava mesmo provocando aquela reação era o fato de eu ser negra e ter uma mãe tão branca. Uma colega me perguntou por que eu tinha nascido negra se minha mãe era loura. Aí eu contei que era adotada, que minha mãe tinha me adotado quando eu era ainda um bebê. Por isso a gente não era parecida. E essa colega tratou logo de espalhar a notícia.

Por causa disso, um engraçadinho disse que eu era filha da empregada. Eu então respondi que minha mãe não era empregada de ninguém e que, na minha casa, nunca tinha tido empregada, nem negra nem branca, que minha mãe era uma dona de casa daquelas que gostam de fazer tudo, sem a ajuda de ninguém. E ainda disse pro idiota que a mãe dele, a diretora, é branca, mas também é empregada, ora!, empregada do governo. Eu disse isso a ele, e o preconceituoso do menino me deixou em paz, pois percebeu que ser chamada de “filha da empregada” não me ofende nem um pouco. Na verdade, naquela escola, acho que eu sou uma das poucas alunas cuja mãe não é empregada de ninguém.

Ao chegar em casa, quis contar isso pra minha mãe; mas não deu, porque ela estava muito preocupada com o pateta do meu irmão, pois sua urina estava saindo um pouco avermelhada. E, enquanto minha mãe se arrumava pra levá-lo ao médico, o patetinha lhe perguntou se estava virando homem. Mesmo tão preocupada, ela não aguentou, começou a rir. Ele fica ouvindo a conversa da gente atrás da porta. Assim, deve ter ouvido minha mãe me dizendo que eu estava virando mulher e todas as explicações sobre a menstruação, o suficiente pra ele entender o que tinha acontecido comigo. Aí ele pensou que homem também passa por isso. É um pateta mesmo!

E, no final das contas, o médico disse que não é nada grave essa coisa aí do meu irmão.

Ela não é uma aberração!

Sirina chegou com o rosto todo maquiado, as unhas pintadas, os cabelos bonitos e esvoaçantes, que nem atriz de cinema. Então, foi se sentindo assim como se estivesse sem roupa, incomodada, pois todo mundo estava olhando pra ela. E olha que ela pensava que já tinha se acostumado com as pessoas olhando e falando dela. Mas, dessa vez, foi diferente. Tinha um clima pesado no ar.

A primeira coisa que o professor de Matemática fez quando a viu foi sair de sala e chamar a diretora. Ela apareceu, arregalou os olhos e pediu pra que Sirina a acompanhasse até a diretoria, onde disse assim que a Sirina tinha passado dos limites e mandou-a ir pra casa.

Quando Sirina chegou em casa e contou pra mãe dela o que tinha acontecido, a coitada da dona Margarida começou a chorar. Mas, quando Seu Saudêncio chegou do trabalho e soube de tudo, ah, ele “ficou uma fera”, como dizia minha vó. Então, no dia seguinte, ele mandou Sirina se maquiar, pôr salto alto, e acompanhou-a até a escola.

Quando eles chegaram lá, os alunos ficaram todos em silêncio, olhando pra eles. Já de cara Sirina teve vontade de sair correndo; mas aguentou porque seu pai estava ali do seu lado.

Perto da diretoria, tinha alguns pais e mães, que, quando os viram, balançaram a cabeça em recriminação.

Tocou o sinal, e os alunos foram pra suas salas. Seu Saudêncio mandou Sirina ir pra sala também. Mas a diretora disse que não, que aquele “menino” não entrava na sala de aula daquele jeito. Então Seu Saudêncio perguntou de que menino ela estava falando. E a diretora “colocou fogo pelas ventas”, como dizia minha vó. Falou que Seu Saudêncio não estava se comportando como um pai de verdade, que tinha que levar “o menino” pra fazer um tratamento, que os outros pais estavam chateados com o comportamento da Sirina. Aí Seu Saudêncio disse que ali era uma escola pública, que pagava seus impostos e que a filha merecia o mesmo tratamento dado a qualquer outra aluna. A diretora falou que Sirina estava descumprindo regras. E Seu Saudêncio levantou o volume da voz e perguntou onde é que estava escrito que Sirina não podia ir maquiada ao colégio. “Está na Constituição, está?”, disse ele. A diretora, irritada, lembrou de novo que Sirina era um menino. E Seu Saudêncio foi genial: “E onde está escrito que um menino não pode usar maquiagem?”. Aí uma mãe gritou assim: “Na Bíblia!”. Mas Seu Saudêncio disse que ali era uma escola e não uma igreja.

A diretora estava muito nervosa, disse que os pais não queriam que seus filhos convivessem com... com... Aí uma das mães ali presentes gritou: “Aberração! Isso é uma aberração!”. E Sirina não conseguiu conter o grito: “Eu não sou aberração!”. Começou a chorar e quis fugir, sumir dali. Pediu ao pai pra irem embora, por favor! Mas o pai dela suporta tudo, menos que humilhem seus filhos. Ordenou que Sirina ficasse ali mesmo e disse assim pra mãe que ofendera sua filha: “Aberração é você, mulher! Além de ser feia por fora, é podre por dentro”.

A diretora de novo repetiu que Sirina era um menino e precisava se comportar como tal, que aquilo não era normal, que Seu Saudêncio tinha que levar “o filho” a um psicólogo pra resolver o problema, que aquilo era uma doença. E Seu Saudêncio falou assim: “É doença querer ser feliz?”.

Acho que foi o dia em que Sirina mais sentiu orgulho de seu pai. Ele parecia um ator de cinema naquelas cenas dramáticas. Foi olhando pra todo mundo que ele falou, sem ser interrompido, umas palavras fortes. De acordo com a Sirina, ele disse mais ou menos assim: “Eu conheço bem a minha filha. Neste exato momento, ela está pensando em desistir de estudar, pensando em nunca mais voltar a esta escola. A minha filha é muito

sensível, foi criada com muito amor e não está acostumada a ser humilhada por pessoas tão cruéis, capazes de fazer uma menina de doze anos chorar. Não, a minha filha não está acostumada a conviver com pessoas assim tão mesquinhas. Que mal ela fez a vocês? Nenhum! Ela só quer fazer o que meninas da sua idade têm vontade de fazer: maquiar-se, ficar bonita, brincar de ser mulher. Aí vocês vão me dizer que a minha filha é um menino. Quem vocês pensam que são? Se a minha filha se sente e diz ser uma menina, vocês querem saber mais do que ela? Quem são vocês pra saberem o que se passa na cabeça e no coração da minha filha? Vocês sabem qual é o maior sonho dela? Vou lhes dizer. Ela quer ser advogada! É esse seu maior sonho. E a minha filha vai ser advogada. Ela não vai abandonar a escola porque um bando de gente desocupada, preconceituosa, ignorante e cruel quer impedir que ela seja o que ela é e o que ela quer ser. Eu vou à polícia, eu falo com o presidente, eu vou até o fim do mundo; mas, vocês podem ter certeza, a minha filha não vai desistir de estudar, a minha filha não vai ser humilhada, a minha filha vai ser tratada nesta escola igual a qualquer outra aluna. Amanhã ela vai estar aqui, vestida com seu uniforme feminino, como sempre, igual a qualquer outra menina. E vai estar maquiada sim, pois, que

eu saiba, ainda não é crime se maquiar. Pois se fosse, todas as senhoras aqui presentes estariam na cadeia. A minha filha não vai abandonar o seu sonho, a minha filha não vai ser condenada a viver isolada e na ignorância, a minha filha não vai se acostumar a ser humilhada. Sirina quer ser advogada e ela vai ser advogada!".

Seu Saudêncio pegou a filha pelo braço, e saíram dali. No dia seguinte, ele mesmo a levou até a escola. Sirina estava maquiada. Todos ficaram afastados dela, com exceção de mim, é claro. Mas logo se acostumaram com seu rosto maquiado, as unhas pintadas, e as coisas voltaram a ser como antes, ou seja, os cochichos, as risadinhas, às vezes um ou outro comentário desagradável.

Pega ladrão!

O pai da Sirina chegou do trabalho, entrou no quarto e lá estava ela, cinco anos de idade, quase desaparecendo dentro do vestido da mãe, e olha que dona Margarida sempre foi gorda e tem uns vestidos bem largos. Seu Saudêncio diz que a cara da Sirina estava toda borrada de batom. Aí dona Margarida chegou, viu aquilo e "ficou branca feito cera", como dizia minha vó. Pegou o chinelo e já ia bater na Sirina, mas Seu Saudêncio a impediu e falou assim: "Cada um é o que é". Isso mesmo, foi o que ele disse.

Seu Saudêncio é "gente finíssima", como dizia minha vó. Ele é o herói da Sirina. Está sempre do lado dela. Sei não, sem Seu Saudêncio, a vida de Sirina ia ser bem mais difícil. Quando ela fica triste, quando tem vontade de desistir, é ele que a anima, que a faz rir, que lhe mostra o quanto é especial e que pode ser o que quiser, pois é a dona do próprio destino. E o que ela mais quer na vida é ser advogada. Nunca vi, fala nisso o tempo todo, até cansa. Mas é difícil pra ela ficar na escola. Tem vontade de desistir todos os dias, seu pai é que não deixa.

Ontem Benê fez aniversário, e a mãe dele, coitada, toda preocupada em fazer a melhor festa. Estava estressadíssima, gritava com todo mundo,

até com o aniversariante. Mas todos foram pacientes com dona Margarida, porque sabiam que ela estava era muito nervosa, com medo de que não fosse ninguém. E tinha razão, porque só foram uns “gatos pingados”, como dizia minha vó.

Por causa da festa sem graça, dona Margarida quase chorou de tristeza, coitada. Ficou deprimida, dentro de um vestido vermelho, os cabelos lisos e soltos sobre os ombros, o rosto branco, pálido, ainda pequena mesmo em cima de saltos altos. Mas, apesar dessa imagem de dar dó, confesso que, de uma forma bem egoísta, eu gostei, porque sobraram muitos salgados e docinhos, e Benê e eu comemos tanto que nem sei como consegui voltar pra casa.

Se, pra mim, foi uma madrugada de pesadelos, pois comer demais antes de dormir dá nisso, pra eles, foi uma madrugada de aventura! Começo a rir só de imaginar.

O que aconteceu foi o seguinte. Por volta de uma da manhã, Sirina acordou com o pai gritando: “Vai embora, ladrão! Vai embora, ladrão!”. O Margenta começou a latir e foi um “efeito dominó”, como dizia minha vó, os cachorros dos vizinhos começaram a latir também e os dos vizinhos dos vizinhos... e por aí vai. Dona Margarida, nervosa, tremia dentro de sua camisola bege. E o Benê, os olhos arregalados,

estava tão amarelo quanto as bolinhas do seu pijama. Seu Saudêncio dizia que ia dar uma paulada na cabeça do ladrão que estava tentando abrir o portão. Dona Margarida tentava acalmar o marido, dizendo que se era ladrão, já tinha ido embora quando ele gritou pela janela e os cachorros começaram a latir. E o marido concordou, afinal o “gatuno”, como ele disse, “só é valente no silêncio e no escuro”. Ai, Seu Saudêncio e suas frases.

Os cachorros pararam de latir, e a família voltou a dormir. Até que Sirina acordou de novo com seu pai gritando: “Agora pego esse gatuno, esse vagabundo!”. Com um pedaço de pau que ele guardava no quarto, esperando por uma ocasião como aquela, Seu Saudêncio ameaçou sair, enquanto a esposa chorava e implorava pra ele não fazer isso, porque tinha dois filhos pra criar, não podia arriscar a vida assim, que o melhor era chamar a polícia.

Seu Saudêncio não quis nem saber. Saiu, com o pedaço de pau na mão, e Benê foi junto. Lá fora, estava um breu. Dona Margarida e Sirina ficaram olhando de uma janela. Com dificuldade, percebiam os vultos dos dois. Até que ouviram um barulho, alguma coisa caindo, o Margenta correu, parecia que tinha visto algo. Era um gato que tinha caído do muro, saiu doido, esbarrou nas

pernas do Benê, que gritou “Ai, meu Deus!”, e Seu Saudêncio saiu numa correria em direção ao portão, gritando “Pega, ladrão!”, “Pega, ladrão!”. Mas a verdade é que não tinha ladrão coisíssima nenhuma; tudo não passava de uma confusão na cabecinha inquieta do Seu Saudêncio.

Ele fez tanta bagunça que a cachorrada começou a latir sem parar, acordando a vizinhança, que, dessa vez, quis saber o que tinha acontecido. Seu Saudêncio, nervoso, o pedaço de pau na mão, contou que dois ladrões tinham invadido a sua “propriedade” e que ele botara os dois pra correr. Quando ele falou isso, Sirina não aguentou, olhou pro irmão e os dois dispararam a rir. Os vizinhos queriam saber por que eles estavam rindo, e o pai disse que era “riso de nervoso”. E, de repente, a polícia apareceu, alguém tinha chamado. E Seu Saudêncio contou aquela história inventada de que dois ladrões tinham invadido a sua “propriedade”. Que confusão! Até que a polícia foi embora, e todo mundo voltou a dormir.

Ele está contando moedinha!

Benê está sempre de olhos atentos, acha moedinhas em todo o lugar, coloca no bolso da bermuda e depois no seu cofre de porquinho. Se ganha dinheiro do seu pai, de algum tio ou tia ou mesmo de um dos seus avós, troca tudo em moedas e joga dentro de seu cofre. Então, deve abraçá-lo e dizer: “Ai, meu porquinho, você vai ficar bem gordinho”. É assim que imagino o Benê, sozinho com seu porquinho de barriga cheia.

Ele se oferece pra ajudar os vizinhos em troca de uma gorjeta, limpa jardins, varre calçadas, engraxa sapatos e vai acumulando sua pequena fortuna em moedinhas. Mas Benê sempre reclama que não tem dinheiro. Faz uma cara de choro quando quer comprar alguma coisa e lamenta, diz que está “contando moedinha”, que o dinheiro não está sobrando. Mas todos sabem que não é verdade. Dona Margarida, nessas ocasiões, balança a cabeça e ri do filho querido e mão de vaca.

O irmão da Sirina é gordinho, moreno, cabelos castanhos, curtos e lisos, teimoso, cara fechada, e sempre defende a irmã, um ano mais nova do que ele. Benê impõe respeito. Quando Sirina está com ele, ninguém ousa lhe dizer palavras ofensivas ou mesmo cochichar

maledicências. Aliás, numa ocasião, Benê deu um soco num menino que tinha puxado os cabelos de sua irmã e a chamado de “anormal”. Seu Saudêncio teve um problemão com isso. Os pais do garoto queriam chamar a polícia, foi uma dificuldade pro Seu Saudêncio convencê-los do contrário, argumentando que, “venhamos e convenhamos”, o filho deles tinha provocado a ira de Benê.

A sorte é que dona Margarida tinha cuidado com muita dedicação da vó do menino quando esta estava doente anos atrás. Na época, a mãe do garoto estava tendo uma gravidez complicada, e dona Margarida se oferecera pra ajudá-la a cuidar da velhinha doente. Foi muito em função disso que Benê não teve que enfrentar a Justiça.

Seu Saudêncio ficou bravo. “Vê se aprende desta vez, Benê”, ele falou, “a gente não resolve as coisas com violência”. Aí Benê fez um bico, todo chateado e falou que “burro só entende é sopapo!”. E Seu Saudêncio insistiu que aquela “selvageria” não podia se repetir; senão, deixaria a polícia resolver o assunto.

Os olhos de Benê se encheram de lágrimas, acho que ficou magoado com as palavras do pai, que deve ter percebido isso, porque logo elogiou o fato de Benê ter protegido a irmã. Então Benê sorriu, agradecido, e disse que sempre a

protegeria. E Seu Saudêncio fez cara de mau de novo e ordenou que, da próxima vez, Benê usasse a inteligência e não a força.

Fantasma no sótão

O pateta do meu irmão saiu gritando pelo corredor, dizendo que tinha uma assombração andando lá no sótão. Ele fez tanto barulho que me acordou. Abri a porta do meu quarto e vi minha mãe abraçada a ele, tentando acalmá-lo. Ele olhou pra mim e perguntou se eu também tinha ouvido os passos no sótão. O seu olhar implorava pra eu dizer que sim. Fiquei com pena dele, é meu irmão mais novo, não tem jeito. Confirmei a história. Aí minha mãe começou a ficar preocupada, e meu pai decidiu subir até lá.

Sei que meu pai é muito corajoso. Alto, forte, moreno e bonito, um herói de cinema. Puxa vida, quando ele afasta os cabelos escuros e lisos da testa enrugada de tanto pensamento, minha mãe quase desmaia de emoção. Mas, por um momento, tive a ligeira impressão de que ele estava com medo. O que, obviamente, não tinha nenhum fundamento, pois ele pegou uma lanterna, já que o sótão estava sem lâmpada, e subiu pra proteger a família.

De repente, um barulhão lá em cima. Minha mãe ficou desesperada. É claro que ela não acredita em fantasmas, estava era com medo de que tivesse algum bandido escondido lá no sótão. Mas logo meu pai gritou que estava tudo bem,

tinha tropeçado e caído. E quando desceu de lá, disse que não tinha ninguém, nem morto nem vivo. O que tinha mesmo eram ratos. Minha mãe arregalou os olhos, apavorada, morre de medo de ratos. Então meu pai prometeu que compraria algumas ratoeiras. E, com dó do meu irmão medroso, permitiu que ele dormisse com eles naquela noite.

Tranquei a porta do meu quarto, apaguei a luz, me deitei na cama e fiquei pensando na vida, esperando o sono chegar. Foi quando vi uma luz na minha janela. Ih, será que era um fantasma? Não tenho medo dessas coisas. Fui até lá, puxei a cortina e abri a janela. E a Rosinha do Mal estava lá na janela do quarto dela, com uma lanterna na mão. Assim que abri a minha janela, ela colocou a luz da lanterna no próprio rosto. Eram umas três horas da madrugada, e a menina estava com aquele batom preto na boca. Aquilo sim parecia um fantasma, e olhando fixo pra mim.

Fechei a janela, me deitei na cama e fiquei pensando no quanto a família da Rosinha do Mal é esquisita. O pai, magricela e pálido, quase nunca sai de casa. A mãe, dizem que tem um problema sério, que vive trancada dentro de um quarto da casa, parece que é louca. E, ainda por cima, a Rosinha do Mal tem um *pit bull*, que às vezes

cisma de latir durante a noite inteira. Minha mãe já está incomodada com esses vizinhos.

Quando parei de escutar meus pensamentos, percebi o silêncio em meio à escuridão. Mas aí comecei a ouvir um barulho no sótão. Ratos? Sei lá, parecia barulho de corrente sendo arrastada no chão. Então comecei a acreditar que o pateta do meu irmão estava falando a verdade. Mas logo o barulho acabou, tudo ficou em silêncio de novo. Adormeci e, quando acordei de manhã, acreditei que o barulho que tinha ouvido não passava de coisa da minha mente.

Quando cheguei na escola, a Sirina veio toda sem graça e me deu uma carta dobrada, com um cheiro forte de desodorante. Era uma carta do Benê, dizendo que eu era bonita e legal, que gostava de mim, que era capaz de me dar o porquinho dele sem pensar duas vezes. No final, ele falava que estava contando moedinha, mas que ainda assim queria pagar um sorvete pra mim, “pra gente se conhecer melhor”. Tive vontade de rir, aquele “pra gente se conhecer melhor” parecia coisa de velho.

Como dizia minha vó, “quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”.

A enfermeira bigoduda

Benê sempre teve medo de hospital e de tudo o que se relaciona a isso. Tem medo de médico, de enfermeiro, de tomar remédio e, principalmente, de injeção. Sua mãe tem uma amiga que é enfermeira. A dona Zelda é uma mulher branca, magra, alta, nariguda e bigoduda. É, ela tem bigode. E seus cabelos crespos estão sempre presos em um coque. É ela quem cuida dos filhos da dona Margarida quando têm algum tipo de doença boba, sem gravidade. Mas Benê tem medo da dona Zelda. É falar no nome dela, que ele se transforma, tudo porque um dia, quando ele tinha uns cinco anos, a dona Zelda dissera que se ele não tomasse um purgante daqueles bem ruins, ela ia se casar com ele. O Benê começara a chorar, tomara o purgante e nunca mais perdoara a dona Zelda. Se começava a fazer birra, lá ia sua mãe dizendo que, se ele não parasse, ela chamaria a dona Zelda.

O Benê, no entanto, vê a dona Zelda não do jeito que ela é de fato; mas com os olhos do medo. Ele diz que ela é uma nazista disfarçada de enfermeira e que, quando tem alguém por perto, ela se faz de santa, de boazinha, mas, quando fica sozinha com ele, ah, ela o olha com cara de nazista e fica ameaçando-o com os olhos. Dona

Margarida ri, não acredita, diz que a “Zelda é um amor de pessoa”. E Benê fica revoltado, grita que aquela “bigoduda é o demônio em forma de gente”, diz que é uma bruxa disfarçada de enfermeira, “uma bruxa canibalística”. Então Seu Saudêncio ri e pergunta de onde foi que Benê tirou aquela palavra, “canibalística”.

Um dia perguntei ao Benê: “Afinal de contas, Benê, ela é nazista ou bruxa?”. E ele disse que ela é um demônio e que se transforma no que ela quiser. Dona Margarida fez uma cara de preocupação e disse que ele só podia estar com febre. E estava mesmo, o Benê estava queimando de febre. Às vezes acontece isso, ele tem uma febre repentina. Seu pai já o levou em tudo quanto é médico; mas ninguém descobre nada.

Dona Margarida então mandou o Seu Saudêncio chamar a dona Zelda. Benê protestou, disse que a bigoduda não! Ficou agitado, querendo fugir. Sua mãe começou a chorar, enquanto seu pai o segurava. Coube à Sirina e a mim buscar a dona Zelda.

Ela chegou muito séria, com uma maletinha. E quando o Benê olhou pra ela, ele começou a gritar, dizendo que ela queria matá-lo, que ela era um demônio. A dona Zelda sorriu, compreensiva, disse-lhe pra ficar calmo, que só ia lhe aplicar um remedinho. E ele gritou que injeção não! Mas não

teve jeito, a dona Zelda preparou a injeção, pediu pro Seu Saudêncio segurá-lo, aplicou o remédio, e logo o Benê estava dormindo e sem febre.

No dia seguinte, Benê estava emburrado com todo mundo porque tínhamos chamado a dona Zelda. Não falou com ninguém e ficou praticamente o dia inteiro no quarto, provavelmente fazendo carinho no porquinho dele. Sua mãe até pensou que ele ia pegar as moedinhas e fugir. Mas a raiva passou, e ele voltou a ser o que era antes.

Quanto à febre do Benê, ninguém sabe o motivo. Muita gente diz que é encosto, coisa do outro mundo. Seu pai não acredita muito nessas coisas; mas, por via das dúvidas, submete Benê a todo tipo de tratamento espiritual que lhe indicam. Como dizia minha vó, “há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia”. Mas, na verdade, quem disse isso mesmo foi Shakespeare, que também deve ter se inquietado com o “terreno das coisas inexplicáveis”, como dizia minha vó.

Injustiça com as próprias mãos

Nossa, foi uma bagunça aqui ontem. O *pit bull* da Rosinha do Mal atacou o Fernandinho, que está em estado grave no hospital. Foi a gota-d’água, a vizinhança se revoltou. Fazia muito tempo que os vizinhos estavam procurando um motivo pra afastar a família da Rosinha do Mal deste bairro. É, as pessoas criam todo tipo de lenda em torno deles, dizem que são adoradores do diabo, essas coisas. Até dá pra entender por que a Rosinha do Mal estava sempre em companhia de seu *pit bull*, acho que ela fazia isso pra se defender de uma possível agressão dessas pessoas.

Parecia cena de filme. Em frente à casa da Rosinha do Mal, um monte de gente reunida, falando ao mesmo tempo, armada de paus e pedras. Só faltou trazerem também aquelas tochas acesas como se estivessem naqueles filmes antigos de monstros. Queriam invadir a casa, linchar a família da menina. Se não fosse o meu pai, sei não, teria acontecido uma grande tragédia.

Meu pai tentou fazer aquela gente entender que os problemas não podiam ser resolvidos daquele jeito. Disse que existe Justiça neste país e que não é justo ouvir só um lado da história. Mas

eles não queriam nem saber, queriam mesmo é fazer justiça com as próprias mãos, ou melhor, fazer injustiça com as próprias mãos, pois ninguém sabia o que realmente tinha acontecido.

Uma mulher gritou no meio da multidão que a família da Rosinha do Mal era adoradora do diabo. “Adoradores do diabo!”, ela gritou e jogou uma pedra numa das janelas do segundo andar da casa. Mas a família da Rosinha do Mal continuou silenciosa lá dentro, parecia até que a casa estava abandonada.

O pai da Rosinha do Mal é um homem que não gosta muito de sair de casa e muito menos de conversar. Eu mesma só o vi uma única vez. Um rosto pálido, triste, parecia cansado da vida, deu até pena. A única que sai é a Rosinha do Mal, ou melhor, saía com seu *pit bull*, porque agora o animal foi levado pelas “autoridades”. A Rosinha do Mal perdeu seu melhor amigo.

Tive medo de que aquelas pessoas machucassem o meu pai. Pois elas não queriam ouvi-lo, não queriam ouvir a razão. No início, até fizeram silêncio pro meu pai falar; mas, depois, não queriam mais saber, o barulho estava ensurdecedor. Minha mãe chorava, nervosa, com medo de que meu pai fosse agredido, não entendia por que ele tinha que se meter naquilo. Olhei pra ela meio com pena, minha mãe não

entende que meu pai é um homem bom, que não gosta de injustiças, ela é egoísta demais.

Fiquei aliviada quando ouvi as sirenes da polícia. Os policiais, armados, desceram de seus carros e fizeram as pessoas dispersarem. Meio a contragosto, elas largaram as pedras e os paus e foram embora, lamentando por não terem apedrejado e dado umas pauladas na família da Rosinha do Mal.

Hoje a gente soube que a história com o Fernandinho fora bem outra. Algumas pessoas tinham visto quando o *pit bull* o atacara. E parece que a culpa era toda do garoto, pois dizem que o imbecil, só pra provocar a Rosinha do Mal, tirara a focinheira do cachorro. O animal ficara com raiva, correra atrás dele, e a Rosinha do Mal não conseguira segurar o bicho.

Agora há pouco, fiquei na minha janela olhando pra casa da Rosinha do Mal. A casa dela continua toda fechada, num silêncio assustador. Fico até pensando se estarão vivos lá dentro. Ai, senti até um arrepio agora. Que coisa mais macabra!

Dona Zelda ataca novamente

Dona Margarida teve uma pneumonia e acabou tendo que ficar internada num hospital por uns dias. Mas o Benê é muito apegado à mãe e não consegue ficar longe dela. Seu pai então o levou pra visitá-la.

Benê estava muito nervoso por estar ali; e, quando fica nervoso, sente fome. Quis logo saber se tinha uma lanchonete lá. E seu pai deu dinheiro pra ele comprar alguma coisa pra comer.

Descia as escadas quando ouviu às suas costas uma voz aterrorizante que dizia algo como “Veio me visitar, Benezinho lindo?”. Ao ouvir aquela voz, ele sentiu um frio na espinha. Virou-se, e lá estava a dona Zelda, a enfermeira bigoduda. Ela tirou do bolso de seu uniforme de enfermeira uma seringa, com uma agulha enorme. Dentro da seringa, tinha um líquido amarelo.

Ele arregalou os olhos e, mesmo com as pernas bambas, começou a correr. A dona Zelda foi atrás dele. E quando ela gritou “Segurem esse paciente! Ele quer fugir do hospital!”, logo apareceu um enfermeiro grande e forte e segurou Benê pelos braços, enquanto este esperneava e gritava pra que o soltasse, que a dona Zelda queria matá-lo. Então, ela se aproximou, com um

sorriso maléfico, dentes enormes, as sobrancelhas grossas sobre os olhos de bruxa.

No auge do desespero, Benê, tremendo e chorando, implorou que ela não lhe fizesse mal, prometeu que daria o seu porquinho todinho pra ela, um porquinho cheio de dinheiro, economias de uma vida inteira.

A dona Zelda aproximou o seu rosto do rosto de Benê, e ele sentiu um cheiro de repolho podre. Aí ela disse que lhe daria uma lição pra que ele nunca mais falasse mal dela. Benê então não viu mais nada, desmaiou. E, quando acordou, estava numa cama do hospital, seu pai lá do lado dele. Então Benê pediu pra ir embora. E o pai, sabendo que tudo aquilo era resultado do medo que o filho tinha de hospital, respondeu que “Tudo o-queíssimo!”.

Um médico lá disse que Benê podia ir embora, e Seu Saudêncio o levou pra casa. No caminho, Benê ficou silencioso. Quando chegaram em casa, ele contou o que tinha acontecido e, revoltado, disse que a “bigoduda” pagaria muito caro.

Seu Saudêncio procurou saber se naquele dia a dona Zelda estava no hospital e soube que ela estava viajando fazia uma semana, pois tinha uma irmã que estava com problemas de saúde.

Então, ficou bastante preocupado, pois Benê estava tendo alucinações.

Resolveu levá-lo a um psiquiatra. Mas não era nada de mais, era só medo mesmo de hospital, sua imaginação estava achando uma forma de botar pra fora o medo que sentia.

Algo de podre no reino da Dinamarca

Aqui em casa anda um clima meio estranho. Como dizia minha vó, “há algo de podre no reino da Dinamarca”. Minha mãe anda pela casa feito zumbi, com olhos vermelhos de tanto chorar. Meu pai está mais silencioso do que de costume. O pateta do meu irmão parece não perceber nada, age como se nada estivesse acontecendo.

Quando acordei e passei pelo corredor em direção ao banheiro, ouvi minha mãe chorando no quarto. Meu pai já tinha saído pro trabalho. Ela estava chorando de soluçar. Coitada. Deu pena. Tive vontade de entrar, abraçá-la; mas, sei lá, não tenho jeito pra essas coisas.

Na minha sala, tem alguns filhos de pais separados. Não é nenhum drama, a não ser quando eles se casam de novo com pessoas insuportáveis que acham que podem se meter na sua vida. Mas acho que minha mãe não se casaria de novo. Ela ama o meu pai de um jeito que dá até medo. É Deus no céu e meu pai na Terra.

Coitada da minha mãe. Deve ser triste amar tanto assim uma pessoa. Porque quando o outro decide ir embora, a gente deve ficar sem chão, sem sentido na vida. Acho que é disso que minha mãe tem medo, de ficar sem sentido na vida. Ela só sabe cuidar de nós e de nossa casa. E se parte

disso acabar, acho que parte da vida dela também acaba.

Não quero ser como minha mãe, sofrer assim por alguém, viver em função dos outros. Quero ser livre e independente, sem me prender a ninguém, não quero sofrer com medo de ser abandonada. A vida não pode ser boa pra pessoas que vivem assim.

Espero que meu pai não vá embora, minha mãe será a mulher mais infeliz de todo o planeta se isso acontecer.

Capitão Kirk e Sr. Spock

Sirina e eu adoramos *Jornada nas estrelas*. E, apesar de Benê não gostar muito da série, às vezes nós três vemos juntos. Mas, nessas ocasiões, Benê conversa o tempo inteiro. Não é nada bom de imaginação, diz que é tudo “mentirada” e não acredita no teletransporte. Então mandamos ele calar a boca e nos deixar ouvir. Ele fica calado por um tempo e depois solta algum comentário do tipo: “A arma do capitão Kirk parece de brinquedo!”.

Não sei se Benê é, como dizia minha vó, “crítico demais” ou se, como dizia minha vó, tem problemas em lidar com “coisas abstratas”. O que sei é que ele seria um ótimo espécime pra ser estudado pela ciência, pois o menino vive com o pé no chão, não se permite sonhar, imaginar um mundo diferente deste em que vivemos. Ele só sai do seu mundo real quando tem alucinações com a dona Zelda; mas isso é por causa das febres pra sempre inexplicáveis que ele tem.

Gosto muito do capitão Kirk, ele é o máximo. Já a Sirina adora as orelhas do Sr. Spock! Mas eu acho que o Sr. Spock é um projeto de lobisomem que não deu certo. Ela gosta do jeito sério dele, de pessoa que nunca chorou na vida. Ela não viu

aquele episódio em que ele fica meio louco, sentindo coisas, sujeito a todas as emoções.

Estávamos no quintal da casa de Sirina, e, enquanto falávamos da série, Benê aproximou-se, todo apaixonado, e me estendeu um saquinho de pipoca doce que ele acabara de comprar num boteco do bairro. Eu disse que não, obrigada. Mas Sirina me deu um cutucão, pra que eu aceitasse o presente do irmão dela. Pão-duro como é, pra comprar um saquinho de pipoca e me dar é porque eu mexo mesmo com o coração dele. Entendendo o cutucão, aceitei a gentileza, mas sem dar nenhuma esperança a ele, é claro.

Benê quis saber do que estávamos falando. Então Sirina disse que eu gosto do capitão Kirk e que ela prefere o Sr. Spock. Aí Benê falou assim que ele, o Benê, é bem mais bonito do que o capitão Kirk.

Não aguentamos, Sirina e eu disparamos a rir. Ele nos chamou de “bobas”, afirmou que se ele fizesse o papel do capitão Kirk, faria muito mais sucesso. Perguntei-lhe então se ele queria ser ator. Ele fez uma cara de “galã canastrão”, como dizia minha vó, e disse que é algo a se pensar. De novo, nós duas disparamos a rir.

Dona Margarida, que ouvia a conversa a distância, aproximou-se, abraçou e beijou o Benê e disse que o acha muito mais bonito do que o

capitão Kirk, “meu Beneditucho!”. Benê ficou morrendo de vergonha e correu pra dentro de casa. E dona Margarida disse assim: “Mas o que foi que eu fiz, meu Deus? Só quis fazer um carinho nele!”. Ela ainda não percebeu que os meninos são assim meio complicados.

Rosinha Selvagem apenas

Quando abri a janela do meu quarto, logo de manhã, a Rosinha do Mal já estava lá na janela dela. E, pela primeira vez, falou comigo. Disse que sua lanterna tinha caído no meu quintal durante a noite, se eu podia pegá-la pra ela. Ao contrário do que pensava, a voz da Rosinha do Mal não é uma voz rouca e demoníaca, é uma voz doce. Eu falei pra ela vir até aqui pra pegar. E ela veio. Aí pude conhecer melhor a Rosinha do Mal, a gente conversou um bocado. E percebi que ela não é do mal, é uma Rosinha Selvagem apenas.

Na verdade, se parece muito comigo, odeia frescuras e tal. Realmente tem uma mãe doente, que não sai de casa. Ela não sabe bem que doença a mãe tem; mas parece que é algo bem sério, porque a mãe dela está definhando aos poucos. E o pai tem aquela aparência pálida porque sofre muito, cuida sozinho da esposa, a quem ama de um jeito que a Rosinha acha que não tem nem em história de cinema.

A Rosinha se sente muito sozinha, pois não tem amigos. Não pode contar com a mãe pra dividir as coisas. Além disso, o pai não tem tempo pra ela, pois vive pra cuidar da esposa. E escrevendo, claro. Ele é escritor; mas seus livros não vendem muito. A casa onde moram é de um

irmão rico do pai da Rosinha. E é esse irmão também que os sustenta. O pai da Rosinha é um artista, não sabe lidar com a rotina, nunca conseguiu fazer outra coisa além de escrever. Pelo que a Rosinha sabe, ele era muito solitário, até que se apaixonou pela mãe dela. Mas, logo depois que a Rosinha nasceu, a mãe começou a ficar doente. E, a partir daí, só sofrimento.

Resolvi contar-lhe um pouco da minha história também, que não é tão dramática quanto a dela. Contei umas coisas engraçadas da minha mãe e do meu irmão, o que fez a Rosinha rir. Quem podia imaginar que a Rosinha do Mal podia rir assim tão bonito. Já me considero amiga dela. Como dizia minha vó, "não devemos julgar os outros pela aparência". É isso aí, tem gente que parece anjo; mas é demônio. E tem gente que parece ser do mal; mas, na verdade, é do bem. É muito difícil saber quem as pessoas realmente são. Como dizia minha vó, "coração dos outros é terra que ninguém vai".

Dancing queen

A música favorita da Sirina é *Dancing queen*, da banda sueca ABBA. E dona Margarida também gosta muito dessa música e ouve sempre. Ela quer que Sirina tenha uma festa de quinze anos e que entre no salão ao som de *Dancing queen*.

Sirina prometeu que, quando fizer quinze anos, a mãe pode fazer uma festa. E dona Margarida ficou assim muitíssimo feliz porque Sirina queria uma festa de quinze anos.

Então eu lhes contei que a minha mãe também gosta dessa frescura de festa de quinze anos e que já até escolheu um “príncipe” pra dançar comigo, meu primo, que aliás nunca vi, deve ser um sapo.

“Ai, como vocês são frescas!”, eu disse. E elas riram do meu “jeito seco de ver a vida”. Foi assim mesmo que dona Margarida falou, “jeito seco de ver a vida”. Então Seu Saudêncio entrou na sala todo esquisito. Dona Margarida logo percebeu e perguntou o que tinha acontecido. Ele olhou pra Sirina e depois falou que não era nada, que era problema no trabalho, e foi pro quarto. Dona Margarida foi atrás. E quando isso acontece, me disse Sirina, é porque algo grave precisa ser discutido entre quatro paredes. Devia ser algo muito sério mesmo, pois Seu Saudêncio é sempre

tão bem-humorado e educado, mas nem me deu um oi.

Percebi a tristeza no rosto de Sirina e quis saber o que era. Ela estava triste porque tinha certeza de que o pai estava assim por causa dela, que só traz problema pra família. Mas acho que Sirina devia ficar é feliz por ter alguém assim que gosta dela e que a protege. Sirina disse que, às vezes, pensa até em ir embora de casa e deixar sua família viver em paz. Respondi que isso é uma burrice, por que alguém preferiria ficar longe daqueles que o amam? Se já é difícil com a ajuda deles, imagina sozinha!

Logo ficamos sabendo o que chateara tanto o Seu Saudêncio. Benê entrou dizendo que uma vizinha estava fazendo um abaixo-assinado pra expulsar sua família do bairro. A vizinhança inteira já tinha tido problema com aquela mulher, vigiava todo mundo, achava que era perfeita e adorava falar em Deus, mas não tinha nenhum espírito cristão.

“Ah, deixa essa mulher pra lá!”, eu disse. E, pra animar, mandei Sirina colocar o disco da ABBA. E *Dancing queen* encheu seu peito de alegria e de emoção. E, por alguns minutos, ela sentiu que tudo podia ser maravilhoso e cor-de-rosa.

A matemática familiar

É, realmente tinha um problema sério entre meu pai e minha mãe. Os olhos vermelhos dela de tanto chorar e o jeito sério além do normal dele tinham um motivo, “o fantasma da separação”, como dizia minha vó. Essa possibilidade deixava meu pai muito pensativo e minha mãe muito triste. Pra ela, o divórcio é a morte.

O clima estava diferente, ninguém dizia o que estava acontecendo. Precisei investigar por minha própria conta. Passei a andar, como dizia minha vó, “sorrateiramente”, tentando ouvir alguma coisa. Eles, na verdade, não estavam se falando muito, o que dificultava a minha investigação. Mas, semana passada, logo depois do café da manhã, saí pra escola e lembrei que tinha esquecido um livro. Quando entrei na cozinha, ouvi meu pai dizendo que era melhor eles se separarem.

Eles me viram e ficaram muito sem graça. Minha mãe, coitada, parecia que ia desabar. Fiz de conta que não tinha ouvido nada, fui ao meu quarto, peguei o meu livro e saí pra escola. E já fiquei pensando como seria viver só com a minha mãe e com o meu irmão. Pois é assim, né? Quando os pais se separam, os filhos ficam morando com a mãe. Mas pensei que talvez

tivesse a possibilidade de eu morar com meu pai. Mas eu sabia que minha mãe ficaria muito ofendida se eu fizesse isso, então decidi não me manifestar.

Mas aí veio a surpresa. Hoje, uma semana depois daquela cena, minha mãe nos disse que está grávida, teremos mais um integrante na família. Por causa dessa novidade, o meu irmão ficou emburrado; afinal, não é tão pateta assim, percebeu que vai perder o lugar de queridinho. Minha mãe me perguntou o que eu achava sobre a gravidez, e respondi que, pra mim, tanto faz. Olhei pro meu pai, e ele me sorriu assim de um jeito meio triste, achei. Minha mãe estava apreensiva, vi que olhava pro meu pai com certo medo no olhar.

Como nunca fui boba, percebi logo. Meu pai não vai se separar agora que minha mãe está grávida. Acho pouco provável. Estranha essa matemática familiar. Antes, seria menos um, agora será mais um a dividir o mesmo espaço.

A “minina travisti”

Seu Getúlio é um velhinho vizinho da Sirina. Tem uns cabelos assim muito crespos e brancos, um rosto branco e enrugado, cheio de manchas do tempo. Fica o dia inteiro no passeio da casa dele olhando “o muvimento da rua”, como ele diz. Fica lá, sentado numa cadeira, debaixo de uma árvore, fumando seu cigarro de palha. Quando Sirina chega da escola e o cumprimenta, ele responde: “Boas tardes, minina travisti”.

Às vezes, ela para pra conversar um pouquinho com ele, pois gente velha parece ter muita sabedoria. É claro que nem sempre é assim; mas o Seu Getúlio é tão pensativo que a gente só pode pensar que é sábio também.

Sirina me contou que quando ela disse que seria advogada, ele balançou a cabeça e falou assim: “Ô, minina travisti, gente que nem ocê num pode ser adevogada não, pode não”. Aí Sirina quis saber por que não, e Seu Getúlio falou bem assim: “Eles num deixa”. Aquilo parecia um mistério, Sirina queria saber quem são “eles”. Então o velho sábio revelou que existe uma “força” que a gente não sabe de onde vem, “se a gente é diferente de todos os resto, ih, pode não, eles num deixa não”. Sirina bateu o pé, disse que vai ser advogada sim senhor, que ele vai ver. Aí o

velho Getúlio respondeu: “É, se insisti demasiado, pode ser que seja, vontade é coisa que cada um tem a sua lá dentro de si”.

Seu Getúlio tem razão, parece que tem uma “força” tentando impedir a minha amiga Sirina de realizar o sonho dela. Mas acho que um sonho só é grande porque resiste a essa “força” de que Seu Getúlio fala. E, nesse caso, a “força” não é tão misteriosa, ela vem da ignorância, do preconceito.

No dia seguinte, quando Sirina chegou da escola, Seu Getúlio a chamou. Ela aproximou-se dele, e o velho disse algo mais ou menos assim: “É que fiquei matutano na nossa prosa de onte. Sabe duma coisa, vô te dizê. Se ocê cunsigui sê adevogada, as outra minina travisti vai sinti mais forte pra buscá os sonho delas tamém”. Sirina ficou empolgada, perguntou se ele achava que ela conseguiria realizar seu sonho. E ele respondeu: “Se cunsegue ou num cunsegue, num sei não. Vai dependê da força que ocê tem aí dentro de ocê. Mas, se cunsegue, ocê vai fazê bem pras outra minina que nem ocê”. Sirina lhe prometeu que vai conseguir e, antes de entrar em casa e deixá-lo imerso em seus pensamentos, ouviu dele: “Então tá então. Vô rezá pra mode ocê cunsigui”.

A vida é luta

É, de novo vamos nos mudar. Meu pai nos deu a notícia hoje. Deixar amizades pra trás, começar tudo de novo. Meu pai diz que um dia vou dar valor a isto, ter a oportunidade de conhecer tantos lugares e tantas pessoas. Bom, ainda não consigo valorizar nada disso. Pra mim, é triste ter que me despedir de minhas amigas, enfrentar uma escola nova. Mas o pateta do meu irmão parece que gostou, ficou todo feliz com a notícia, deve estar imaginando que o bebê na barriga de nossa mãe não vai junto... Ah, não, ele não seria tão pateta!

Vou ter que dizer adeus à Rosinha e à minha grande amiga Sirina. A Rosinha talvez sofra mais. Apesar de parecer durona, é muito frágil, coitada, muito solitária. Tentei fazer com que ela e Sirina ficassem amigas também; mas não deu certo, “o santo não bateu”, como dizia minha vó. Sentirei saudade das duas, muita saudade. Nas despedidas, a gente sempre diz que vai continuar em contato, mandando cartas; mas a gente acaba não escrevendo nada, deixando a saudade passar, tentando esquecer o passado pra não sofrer.

Ai, estou dramática demais! Estou parecendo a minha mãe. Aliás, ela parece estar feliz com a mudança. As pessoas têm a mania de achar que

os lugares é que são culpados pelas suas tristezas. Além disso, nunca gostou da minha amizade com a Sirina e com a Rosinha.

Até hoje, de todos os lugares em que moramos, acho que aqui foi o que vivi mais intensamente a vida. Rosinha e Sirina me mostraram que a vida é mais do que um dia que se segue ao outro, é mais do que fazer coisas boas, é mais do que aprender coisas novas, a vida é luta. Pelo menos, pra algumas pessoas, desde cedo, a vida é luta.

Como dizia minha vó, “nem todo mundo veio ao mundo a passeio”. Minhas duas amigas são sobreviventes. Principalmente, Sirina, que precisa lutar pra ser quem é todos os dias de sua vida. Sei bem que às vezes ela se sente cansada, com vontade de desistir. Ainda bem que tem um pai tão dedicado. Seu Saudêncio vai ajudá-la a realizar todos os seus sonhos. Mas, como ele mesmo diz, ela terá que aprender a andar com as próprias pernas, a se defender sozinha, pois ele não é imortal, não vai estar sempre com ela.

Ou...

Enquanto eu me despedia da Sirina, minha mãe olhava pra ela assim meio de lado, como se não estivesse gostando de vê-la ali; mas também devia estar aliviada porque eu não teria mais contato com ela. Ai, minha mãe é pré-histórica!

Não sei quando e se a gente vai se ver de novo, mas sempre me lembrarei da Sirina e sei que ela também pensará em mim, é uma grande amiga. Pediu que eu lhe escrevesse, pra não perdermos contato. Eu disse que sim; mas sei que as coisas não funcionam desse jeito. Ela me abraçou forte e não conseguiu conter as lágrimas. Então eu disse pra ela parar com o chororô. Ela riu em meio às lágrimas e falou que terá saudade da menina durona que eu sou.

Pelo que conheço da Sirina, imagino que ela deve ter voltado pra casa chorando. Uma vez ela me disse que, antes de mim, nunca tinha tido uma melhor amiga e, quando eu fosse embora, seria como perder parte dela mesma, se sentiria um pouco mais fraca, como se parte da sua força tivesse ido embora comigo. O que ela não sabe ainda é que é mais forte do que eu; ela é que nem bambu, como dizia minha vó, “enverga mas não quebra”.

Fui embora pensando numa conversa que os pais de Sirina tiveram e confesso que estou preocupada. Sirina chegara em casa e ouvira um diálogo dos seus pais. Seu Saudêncio dizia que meninas feito ela abandonam a escola, não suportam o preconceito e a discriminação. Dona Margarida lamentara, pois sabia que Sirina queria muito ser advogada. E seu pai batera o pé, não queria que sua filha tivesse o mesmo destino de outras meninas feito ela. Do que ele estava falando? Dissera que normalmente elas só têm duas opções: ou trabalham em salão de beleza ou... E dona Margarida cortou-o com um “Nem fale, Saudêncio, nem fale”. Mas aquele “ou...” parecia conter um mistério triste.

E começa tudo de novo...

Todo mundo diz que sou a menina mais durona e sem frescura que já passou por este planeta. Muita gente ficaria surpresa se me visse chorar. Eu não gosto de chorar, não gosto de demonstrar fraqueza. Mas eu sinto, eu me quebro por dentro. Às vezes tenho raiva de meu pai, apesar de amá-lo tanto. Será que ele não percebe que essas mudanças podem não ser boas pra mim ou pro meu irmão?

No caminho, minha mãe abriu sua torneirinha de asneiras. Ai, como é pré-histórica! Disse estar feliz por estarmos nos mudando, pois era a melhor forma de me separar “daquela aberração”. Eu então disse pra ela que Sirina não é uma aberração, que ela é uma transexual. E minha mãe veio com aquele “E você sabe lá o que é isso?”. Ao contrário dela, eu leio. Essa devia ser minha resposta desaforada; mas preferi ficar em silêncio. Aí o pateta do meu irmão quis saber o que é “transexual”.

Minha mãe nem me deu tempo de explicar, disse que aquilo não era assunto pra crianças. Que pré-histórica! Provavelmente, ela não sabe o significado e pensa ser algo obsceno, não duvido muito. Pelo jeito, meu irmão teve a quem puxar na patetice.

Estou com muita raiva de ter que me mudar de novo. Quando começo a me acostumar com um lugar, lá vem a mudança. Estou com muita raiva. Estou com raiva de todos eles: da minha mãe, do meu pai, do pateta do meu irmão e até do bebê que vai nascer. Sonho com o dia em que eu poderei tomar minhas próprias decisões e não serei mais obrigada a fazer o que os meus pais querem ou o que eles acham melhor.

A nova casa é de um só andar. Olho pela janela do meu novo quarto e sinto falta de ver a janela da Rosinha. A nossa despedida foi bem diferente da que tive com Sirina. Ao contrário de Sirina, Rosinha apenas chegou na janela dela e me acenou, dando um “tchau”. E eu sabia que era sincero. Rosinha e eu temos muito em comum, não gostamos de frescuras.

Já decidi, não farei mais amigos a partir de agora. Pra quê? Pra ter que me despedir deles depois?

Se ouvisse isso, minha vó diria que estou falando besteira, que “o futuro a Deus pertence”. Só que aí discordo dela, pois quero ter o meu destino em minhas mãos.